



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado



UNISC

METODOLOGIA, EU QUERO UMA PRA VIVER... CARTOGRAFIA!

Edison Aran Nunes Krusser¹

Cláudio José de Oliveira¹

Delci Cleonice Bender¹

EIXO TEMÁTICO 04: DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E DIVERSIDADE

A escrita desta narrativa se origina em um recorte de tempo ao qual denominamos Pandemia da Covid-19; ambientada no espaço escolar constituído por modos de ser docente. Trata-se de um período de distanciamento do trabalho de produção de conhecimento presencial na escola, como local de estudo, afinal "A escola sempre significa conhecimento em prol do conhecimento, e a isso chamamos de estudo" (Masschelein; Simons, 2021, p. 40).

Inspirados na ideia de cartografia, que possibilita um ir e voltar (como se vive numa coreografia intercessora, ao dançar-se um Tango), em que tocamos os lugares tanto no tempo como no espaço que nos contém, no qual nos situamos caminhando em várias direções, versando o enunciado "constituindo-se no caminho" (Freitas, 2014, p.11), de acordo com o que o texto vai fazendo conosco e o que vamos fazendo com ele: nesse lugar de entrevistas narrativas, sem pressão ou interferências externas à temática proposta, emergem espontâneas falas de oito professoras da educação básica, anos iniciais do ensino fundamental, que temperam toda nossa inspiração acadêmica.

Cada recorte de fala é identificado com a nomeação de sua autora através do seu respectivo número/pseudônimo em latim, quais sejam, de um a oito: Una; Duae; Tres; Quattuor; Quinque; Sex; Septem; Octo. Apresentamos Nulla (zero), como uma dupla personalidade de pesquisador implicado, inserido in loco, na produção da pesquisa, assim "vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece" (Larrosa, 2015, p. 32).

A maneira com que escrevemos e os posicionamentos que assumimos são autorizados pelo modo que defendemos, conforme afirmação de Gustsack (2018, p. 03), da impossibilidade da neutralidade na pesquisa e na educação, assim seremos pesquisadores implicados, que produzem vida e vivem as experiências de interação nos campos e processos das próprias pesquisas; Acrescentamos a isso a percepção de Freitas (2014, p. 22), quando anuncia que "a possibilidade de pesquisar e de intervir foi se constituindo em uma experiência de, também, acompanhar meu encontro como pesquisadora comigo mesma [...]". Somos o espelho e o reflexo de nossas pesquisas.

Assim, buscamos compreender como se deu certa metamorfose da atuação no quadro de parede da sala para a tela dos dispositivos eletrônicos. "Modo remoto, para mim, foi o maior desafio" (Una). Propomos problematizar como as professoras foram afetadas em suas singularidades, numa docência que vai do modo presencial ao remoto, em contexto de crise, pois "A experiência é sempre do singular [...] é precisamente

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão, [...] porque não é outra coisa que a afeição pelo singular. Na experiência, então, o real se apresenta para nós em sua singularidade (Larrosa, 2015, p. 68). Presencial, onde é possível estar junto e tocando o chão de sala, na escola. Remoto: é entregar aulas aos estudantes de um modo e em um lugar para além das portas das salas e dos muros das escolas.

Esta é uma tentativa ensaística de situar o leitor quanto às reflexões teóricas pertinentes ao trabalho proposto em modo macro, qual seja, tratar da introdução, do desenvolvimento e das considerações que compuseram toda escrita, embora este recorte de tese de doutoramento (2023) se preste ao desafio de dar visibilidade à espinha dorsal, que toca seus tentáculos nevrálgicos por toda escrita de um modo amplo, conquanto, ao mesmo tempo sutil e abrangente, também se faz modo de invenções e desconstruções.

Falamos do modo metodológico acentralizado de movimentar-se, de se insinuar e estar em todos os lugares, ora em nenhum ao mesmo tempo. Metodologia é da ordem do manter a lucidez, mesmo que sem direção, mas sem abrir mão da busca de sentido para os fazeres, por mais cheiro de utopia que eles possam exalar. Contudo, se faz um pseudorrecorte a tentativa de extrair tal parte diluída numa espécie de mistura/caldo que toca o todo. Seria como arrancar certo órgão de um corpo, mas com pedaços das carnes de outros e deixando pedaços de si mesmo. Assim, aqui, cartografaremos a própria ideia de cartografar tal inspiração metodológica.

O que (ex)pomos é certo percurso metodológico atravessado pelo cuidado como fomos produzindo uma linguagem carregada de intencionalidades e sentidos comunicativos, pois consideramos o pensamento acerca deste tema “pelo que difere, pelo que escapa, burla, abre possibilidades para que o próprio campo educacional seja ressignificado e arejado” (Camozzato; Santaiana, 2020, p. 3). Assim, nos desafiamos a deslocamentos pela contemporaneidade dos acontecimentos educacionais, mapeando os momentos em que a história nos acontece. Por isso, anunciamos o objetivo geral da pesquisa que ora nos ocupa: problematizar a docência a partir das narrativas de um grupo de professoras da educação básica, em contexto de crise pandêmica. Especificamente, tentamos identificar, analisar e compreender atitudes pedagógicas das professoras e quanto isso influenciou ou não, na constituição ou (trans)formação dessa docência.

Nos permitimos acolher tal experiência educativa “tanto como acontecimento, ou seja, como irrupção do imprevisto e do extraordinário, quanto como desafio ao pensamento pedagógico conceber a ação educativa em outra linguagem que permita transgredir hábitos de pensamento” (Richter, 2016, p. 93). Acoplamos essa fala à nossa intencionalidade de interpretar os relatos das docentes, ao modo do pensamento Larrossiano sobre experiência: aquilo que lhes aconteceu/tocou nesse tempo de crise.

Compreendemos que às professoras coube visitar as entranhas de suas formações pedagógicas para alcançar/levar currículo aos seus estudantes, que não aquela do olho no olho, presencial. Assim, evoluímos na pesquisa com inspiração coreográfica em uma dança de Tango (Benedetti, 2015): Foi numa Milonga, à beira do Arroyo La Cañada, Córdoba, na Argentina, onde tomamos lição e aprendemos que os passos são de execução básica e têm figuras “obrigatórias” para serem desenvolvidas com a criatividade e andamento que se faz peculiar, de acordo com o apuro da técnica dos executores; é preciso “sentir” a música, deixar que ela “entre” na mente, produzindo comandos que levam à coexecução de figuras/passos de dança previamente ensaiados/treinados, ou improvisados em modo estético criativo livre.

Este texto se presta a empreender certo andamento musical, talvez coreográfico, também, porque “não há um único ser humano neste planeta que não tenha relação com a música: ‘a maior parte da humanidade não lê livros, mas canta e dança’ (Steiner, 2006, p. 9). Também, a música une-nos e liberta-nos. Como a educação.” (Nóvoa, 2022, p. 36). Por óbvio, não se dança Tango, nem se faz pesquisa de qualquer jeito. Há certo protocolo, entremeado de ética e ornado em estética. Uma metodologia que rege e tenta desbravar caminhos. Assim nos abrimos e somos agenciados, incitados ao estranhamento, como em um ato de renúncia ao já sabido,

“desbancando regimes cristalizados de subjetividades” (Souza in Barone, 2017, p. 59).

A cartografia emprega um procedimento das emergências, acompanha a insurgência dos devires. Conforme Lanzarini (2021, p. 22-23): “É uma reversão metodológica: transforma o meta-hodos (caminhar para alcançar metas pré-fixadas) em hodos-meta (caminhar que traça, no percurso, suas metas). Uma aposta na experimentação do pensamento.” Então, a cartografia não é um relato de experiência. Ela não é replicável, é compartilhável, mas que se presta a ser experimentada e então assumida como atitude. Embora possibilite operar com relatos de experiências, ela implica em uma não linearidade na produção das narrativas.

Como processo de produção de realidade, tal como numa investida com certo sobrevoo; a utilização da primeira variedade de atenção do cartógrafo - o rastreio: como varredura do campo; do toque na pista: um contato leve; uma rugosidade; um elemento perturbador, no nível das sensações. É quando a atenção do cartógrafo é capturada de modo involuntário, quase reflexo, mas não se sabe ainda do que se trata; é quando precisaremos ver o que está acontecendo. O gesto do pouso, pós sobrevoo, indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom.

Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura, alterando o posicionamento da régua que “mede” o nível das percepções, que permite reconhecer um objeto e servir-se dele: “quando iniciou a pandemia, nós não estávamos preparadas, fomos pegadas de surpresa, tanto as docentes quanto pais, e alunos também... então nós tivemos que nos reinventar e criar estratégias, meios para poder chegar até os nossos alunos, mesmo à distância” (Septem); É quando começamos a cartografar o território desconhecido, e criar o próprio território de observação, desde os relatos das docentes: como se deu o que foi feito ou produzido e que ainda não tinha sido experimentado.

Ponderando a cartografia como uma estratégia para olhar o rizoma, considerando-se a questão da identificação ou do acoplamento: “eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10). Rizoma? Deleuze e Guattari colhem da botânica um modo de pensar com as plantas: O rizoma sugere outra forma de organização, pois trata-se de um sistema de caules horizontais que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, horizontal, sem uma direção definida. A grama é bom exemplo; ela se espalha pelo quintal ocupando todo o território que for capaz. Não há centro, hierarquia, ordem, profundidade.

A ciência resta produzida por uma democrática forma de pensar por meio do fazer (Sennett, 2020). O modo de caminhar em uma pesquisa é um modo de dizer-se e dizê-la. Não tratamos aqui de uma defesa irrestrita de tal inspiração metodológica, mas arguimos pela necessidade de mantermos à cabeceira, um (in)certo manual/tutorial de luta e resistência (mesmo que infame, profano ou subversivo), em prol das (an)danças pela escrita acadêmica, sem os quais sofremos até compreender o que está acontecendo, e encontrar direção pelos caminhos (des)cartografados que atravessam o caos de cada um de nós.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Metodologia. Escrita acadêmica. Ensaio.

REFERÊNCIAS

BARONE, Luciana Rodriguez. **Convidando a clínica a dançar:** um ensaio cartográfico da saúde mental na atenção básica. 2017. 195 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193798>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BENEDETTI, Héctor Ángel. **Nueva historia del tango:** de los orígenes al siglo XXI. Buenos Aires, ARG: Siglo XXI Editores, 2015.

CAMOZZATO, Viviane Castro; SANTAIANA, Rochele. Dossiê: deslocamentos na educação contemporânea. **Revista Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, p. 3-6, 2020. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FREITAS, Josí Aparecida de. **A constituição do sujeito professor da educação profissional e tecnológica em um curso do PROEJA**: cartografando processos de subjetivação. 2014. 104 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

GUSTSACK, Felipe. A falácia da neutralidade na pesquisa e na educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 2, ago. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/8741>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LANZARINI, Joice Nunes. **Docência universitária e artesanaria em tempos de inovação**. 2021. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3219/1/Joice%20Nunes%20Lanzarini.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2. ed. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NÓVOA, António. **Escolas e professores**. Proteger, transformar, valorizar. Colaboração Yara Alvim. Salvador, BA: SEC/IAT, 2022.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. Educação, arte e infância: tensões filosóficas em torno do fenômeno poético. **Revista Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 2, n. 2, p. 90-106, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/99>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 9 ed. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2020.

STEINER, George. **Le silence des livres**. Paris: Arléa, 2006.